

MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR ITINERANTE

Prof. Everardo Paiva de Andrade

O todo na verdade se apresenta sem sentido, mas completo à sua maneira.

[Franz Kafka, A preocupação do pai de família]

É bem possível que o Odradek estivesse ali, bem ao pé do primeiro lance de escada, aquela sólida escada do prédio da escola, quando subi pela primeira vez contando os degraus. Ainda não sabia que o todo estaria irremediavelmente completo à sua maneira, uma vida inteira de professor encapsulada no tempo. Que aquele momento continha o que antes de mim existia sem eu saber, o que talvez saiba hoje escrevendo estas linhas e o que jamais saberei, conquanto me caiba viver, mas que também esteve prefigurado naquela visão e naquele instante. Intuí-a, porém, então como agora, da existência dessa coisa chamada *docência*.

Planeta escola

Sou professor, um bem de família! Minha mãe foi normalista no começo dos anos 1950 e professora primária o resto da vida, até muito tempo depois da aposentadoria. Meu pai era desenhista de estradas e construções, tinha nível médio, mas logo cedo foi chamado para dar aulas em escolas públicas e privadas da cidade. Inventaram uma tradição e legaram aos filhos. Meus irmãos e eu demos aulas particulares desde cedo. O irmão mais velho chegou a ter tantos alunos que o pai mandou construir um quadro-negro num cômodo da casa. Tudo isso até por volta dos 16 anos, quando fomos embora, os dois, cursar a universidade na cidade grande, pensando em fugir do destino. No começo, a estratégia parecia dar certo, começamos Engenharia. Em 1974, aos 18 anos, morando na Casa do Estudante Fluminense, consegui um contrato temporário numa escola pública, o antigo Colégio da Polícia Militar, no Fonseca. Era um contrato para lecionar Desenho, mas logo me vi ensinando Matemática, Ciências e Física no 2º Grau. Eram tempos anteriores à Constituição de 1988 e o que era contrato temporário virou

matrícula definitiva no Estado, até o pedido de exoneração, em 1997. A rigor, nunca tive formação para aquele trabalho, talvez tenha sido um bom professor, tinha um ótimo relacionamento com os alunos, mas esse professor era pura intuição. Lidava muito com os livros didáticos e meu empenho maior era sempre encontrar um jeito de meter a matéria nos corpos e na cabeça dos meus alunos. Talvez fizesse mais do que isso sem saber: há pouco tempo uma ex-aluna, hoje professora universitária, comentou sobre a identificação entre o jovem professor de cabelos longos e ideias alternativas e seus alunos e alunas com 13 ou 14 anos. Na contramão do que era então tradicional, quase não mandava aluno para a recuperação e muito raramente reprovava. Mas, antes do final daquela primeira década, entre 1977 e 1980, decidi trocar a Engenharia pela História. Não me iludo, não era exatamente pelo magistério: queria fazer História não por objetivos profissionais, mas para melhor compreender e mudar o mundo. Mesmo assim, comecei a lecionar História ainda no tempo da Faculdade, em Cachoeiras de Macacu e em Rio Bonito. Nesses primeiros anos, precisando complementar os escassos recursos familiares, fui lecionar Matemática, depois História, em pequenas escolas de Niterói (Ginásio Ataíde Parteiros, em Itaipu; Instituto Dom Bosco, no Centro; Colégio Batista, no Ingá). Em 1982 o Estado do Rio abriu concurso para professor e, sem vaga para História, me inscrevi em Filosofia, fui aprovado, mas obviamente não pude tomar posse por falta de habilitação. Claro, vou fugindo de explicações minuciosas para não alongar demais essa narrativa, mas o retorno para Itaperuna, no final de 1983, me fez estreitar, no ano seguinte, no ensino superior, como professor de Antropologia e Cultura Brasileira, respectivamente nas licenciaturas em Ciências Sociais e Letras, na FAFITA. No mesmo ano de 84 comecei a trabalhar em cursos pré-vestibulares, na Rede MV1, com Geografia. Ainda ensinava Matemática naquela velha matrícula no Estado, até que, no concurso público de 1985, finalmente fui aprovado para História e comecei a dar aulas no CE José de Lannes, em Porciúncula. No final dos anos 80 vivi uma experiência pedagógica fora da sala de aula nas duas matrículas do Estado: coordenador geral de uma grande escola pública, em Itaperuna – o CE Dez de Maio, em cujo curso normal ensinava História com a matrícula removida de Porciúncula, desde 1987 –, e implementador de currículos no antigo CREC, órgão regional da Secretaria de Estado de Educação, com a matrícula que veio comigo de Niterói para o CE Chequer Jorge. Esse foi um tempo de envolvimento com a política e, para dar conta do trabalho na rede pública e conciliar com o mandato de vereador (1989-1992), tive que me afastar das escolas privadas. No começo da década seguinte, levei esses vínculos para a Direção

Geral do CIEP 263, um dos primeiros Brizolões da região, o primeiro em Itaperuna, e pouco a pouco fui me afastando da militância política. A ruptura definitiva viria com a mudança para Campos: comecei fazendo lá uma pós-graduação em História, na FAFIC, em 93, passei no concurso para professor de História da América, em 94, e em 95 aumentei a carga horária na Faculdade, levei minhas duas matrículas para o Liceu de Humanidades de Campos e me mudei para a cidade, de mala e cuia. A carreira da FAFIC foi próspera, de professor querido pelos alunos e considerado pelos colegas à chefia do Departamento de História e daí à Direção de Pós-Graduação, quando a modesta faculdade isolada de filosofia quis se tornar um Centro Universitário. Foi nesse tempo que retornei para o Mestrado, agora em em Educação (já havia iniciado e abandonado um mestrado em História, na UFF, com a saudosa Profa. Maria Yedda Linhares, na segunda metade dos anos 80), como parte da exigência dessa escalada institucional, e logo na sequência cursei o doutorado. Paralelamente, me desdobrava em escolas particulares, o Colégio Santo Antônio e o Pro-Uni. Não fiquei rico porque não fundei um banco, mas talvez tenha ficado mais experiente e mais pobre com essa história do Pro-Uni, uma cooperativa de professores que levou para a região a franquia do Sistema Anglo de Ensino, mirando os filhos da classe média campista. Foi uma trajetória bastante tortuosa e complexa. Nesse mesmo período, tentei uma vez mais fugir do destino: fiz concurso para a Prefeitura de Campos e, por dez anos, acumulei o trabalho como Fiscal de Rendas. Continuei na FAFIC e no Anglo, mas em 99 pedi exoneração da segunda matrícula no Estado (tinha me exonerado da primeira dois anos antes). Nesse ritmo fui levando toda a primeira década do novo século, até o começo de 2009, quando recebo de um dos filhos a mensagem dando notícia de um concurso público para professor na área de Ensino de História, na Faculdade de Educação da UFF. Os filhos já estudavam em Niterói, eu e Clair não tínhamos vínculos de família em Campos (embora os amigos fossem a família por opção) e, aos 53 anos, talvez fosse minha última oportunidade se quisesse experimentar o trabalho em uma universidade pública. Vou ou não vou? Está bem, sem compromisso, vou me inscrever para ver o que acontece. Éramos onze candidatos e, salvo engano, eu era o único que tinha doutorado em Educação, não em História: tirei primeiro lugar e fui convocado para tomar posse. Larguei tudo para trás, em Campos, e fui começar de novo a vida como professor, reunindo parte dos filhos, reencontrando Niterói 25 anos depois de ter saído e, como não reconhecer, cumprindo meu destino, desta vez, talvez, em definitivo como professor, esse bem de família que talvez ninguém mais queira por herança. Para ser

mais preciso, e precisão é coisa de expressão numérica, desde aquele remoto ano da graça de 1974 já se vão cerca de 44 anos, e eu nunca estive um período, mais que um mês sequer de férias regulamentares, distante da profissão, da escola ou da sala de aula, lugares recorrentes da grande aventura de um sujeito nessa terra estranha chamada Educação.

Digressão acadêmica?

Concluída a graduação em História em 1980, passei o restante da década envolvido em atividades profissionais na Educação Básica e no ensino superior, sobretudo na formação de professores, em cursos de licenciatura. Claro, com duas experiências que de alguma maneira marcaram minha vida, embora sem nenhuma continuidade cronológica: o Mestrado em História não concluído (1986-88) e um mandato de vereador (1989-92). Retomei a trajetória acadêmica no início da década seguinte, com uma especialização em História (1992/1994) e o mestrado em Educação (1999/2001). Logo em seguida, cursei o doutorado (2002/2006) e prestei o concurso para professor da UFF (2009). Desde então, me envolvi na formação de professores de História, em atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Tornei-me professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF a partir de 2013, e do PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional, em 2014. Atuo também, hoje em dia, como pesquisador em alguns grupos de pesquisa: o CDC – Currículo, Docência e Cultura, na Faculdade de Educação da UFF (do qual sou vice-líder), o LEH – Laboratório de Ensino de História, na mesma instituição, o LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem, do Instituto de História da UFF (sobretudo na organização do acervo intitulado "Trajetórias docentes", reunindo memoriais de professores e licenciandos de História, meu principal interesse de pesquisa e formação, no momento) e o Grupo de Pesquisa-Formação Polifonia, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ/São Gonçalo. Minhas publicações mais significativas estão reunidas em duas áreas principais: "Docência: profissão e formação" e "Ensino de História". No primeiro caso, destacaria dois artigos que julgo relevantes – "Saberes docentes em formação: a pesquisa e a prática de ensino nas licenciaturas em Ciências Biológicas e História" (Revista Pro-posições, v. 24, nº 1) e "Políticas curriculares e subalternização do trabalho docente" (Revista Educação em Foco, , v. 21, nº 1), ambos em parceria com Sandra Selles –, além da organização de um livro que repensa o

projeto formador de professores da UFF – "A formação de professores pela mão dos formadores: política, currículo e cotidiano nas licenciaturas da UFF" (EdUFF, 2015). No segundo caso, na fronteira entre História e Educação, destacaria três artigos – "História pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura" (com Nívea Andrade, de 2016, obra publicada a partir do II Simpósio Internacional de História Pública), "Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores" (com Juniele Almeida, de 2017) e "Profhistória, trajetórias docentes e histórias de vida (Professores de História escrevem capítulos de história profissional)", para o XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História, em 2017. Ainda na fronteira entre História e Educação, entre a formação e a profissão docente, atuei como coordenador de área do subprojeto de História, no PIBID UFF, entre 2012-2018, acompanhando o trabalho em escolas públicas de Educação Básica, orientando supervisores e licenciandos, organizando dois livros – "Universidade e escola formando professores de História" (Letra e Voz, 2015) e "Docência em História: diálogos universidade e escola" (Estrela da Manhã, 2017) – além de artigos publicados, destacando sobretudo dois – "Memórias sentimentais (e críticas) de um programa de iniciação à docência: o ponto de vista do PIBID História UFF 2014" (Revista Artes de Educar, v. 2, nº 3, 2017) e "Trajetórias docentes no PIBID (Licenciandos escrevem capítulos de história de vida e formação)" (editado pela Coordenação Institucional do PIBID UFF, 2018). A trajetória acadêmica até aqui descrita tem me levado a estabelecer conexões com redes públicas municipais de Educação, em diversas atividades de formação continuada de professores, como é o caso das prefeituras de Niterói e Macaé (as referências, claro, estão no currículo Lattes). No presente momento, com a autorização do meu Departamento, realizo estágio pós-doutoral. Embora o projeto tenha sido acolhido pela Faculdade de Educação da Universidade de Lisboa, alguns entraves burocráticos acabaram por fechar esse caminho. Fui então recebido pela Faculdade de Formação de Professores, da UERJ (Polifonia) e pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFF (LABHOI), onde desenvolvo o projeto intitulado "A docência como saber iminente: narrativas da profissão na formação (inicial, continuada) de professores".

Caminhos cruzados escola/academia

Desde 2009 minhas atividades acadêmicas e profissionais estão imbricadas de modo inseparável. Até então, construía uma carreira profissional no magistério, iniciada na escola pública de Educação Básica em 1974, passando pela rede privada e, a partir de 1984, pelo ensino superior, sobretudo na formação de professores em cursos de licenciatura. Durante todo esse tempo (1974/2009), além de professor de sala de aula, assumi diversas atividades na implementação de currículos, na coordenação e na direção de escolas, com destaque para a Direção Geral do CIEP 263, no II Programa Especial de Educação, entre 1992/1994 (coordenado pelo Prof. Darcy Ribeiro, no segundo governo Leonel Brizola no Rio de Janeiro). Na formação de professores em nível superior, atuei em instituições isoladas de ensino, as antigas Faculdades de Filosofia, em Campos e Itaperuna, num momento em que tais instituições assumiam verdadeiramente a tarefa de formar os professores para a escola, sobretudo em espaços fora do raio imediato de ação das universidades públicas. Conciliando trabalho e formação, cursei Especialização e Mestrado na década de 1990 e, finalmente, me doutorei em 2006. Em 2009 prestei concurso para professor de Pesquisa e Prática de Ensino em História, na UFF, sendo aprovado em primeiro lugar. A partir desse momento, o estatuto da dedicação exclusiva concentrou minhas atividades no tripé ensino/pesquisa/extensão, além da gestão em atividades colegiadas de departamentos, coordenações e unidades. Assumindo as disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino, ofertadas obrigatoriamente pela Faculdade de Educação a todas as licenciaturas da UFF, tornei-me responsável também pelo acompanhamento dos estágios dos futuros professores, o que consolidou laços com as escolas e seus professores, acolhendo estudantes de História da UFF em Niterói e toda a região do Grande Rio. A partir de 2012, assumi a coordenação de área do PIBID, passando a viver uma experiência de política pública creio que inédita na universidade brasileira, equilibrando a importância, de fato, das atividades de ensino e pesquisa. Uma pesquisa mais específica talvez revelasse que o PIBID História UFF contribuiu significativamente para mudar a cultura universitária, sempre favorável ao bacharelado, do qual a licenciatura era pouco mais do que um acréscimo: atualmente, mais de 90% das vagas oferecidas nos processos seletivos do Curso de História são para a licenciatura. Vale dizer, ainda, que minhas atividades na articulação entre universidade e escola impactaram fortemente meu trabalho de pesquisa, resultando numa produção bastante voltada para as temáticas da "Docência: formação e profissão" e do "Ensino de História".

Queria mesmo era jogar futebol

Dois amigos, docentes do PROFHISTÓRIA – um mestrado profissional destinado a professores de História da Educação Básica –, combinaram com a turma que nos receberiam na aula da sexta-feira. Éramos três convidados a compartilhar com os mestrandos nossas narrativas de vida profissional, quer dizer, a história de como nos tornamos também professores de História. Quando dei por mim estávamos ali, entre felizes e emocionados, quase 30 professores de História reunidos em verdadeira confraria, narrando a própria vida uns aos outros. Ando às voltas com duas atividades paralelas e simultâneas de pós-doutoramento, uma na História, outra na Educação. Um mesmo tema percorre as duas trajetórias, investigando experiências, memórias e narrativas que documentem os modos pelos quais alguém se torna professor. Tenho lido sistematicamente memoriais de professores envolvidos em atividades de ofício ou em formação. De tanto ler os outros, considerei que deveria também escrever o meu próprio memorial, a rigor, um dos *princípios deontológicos* das histórias de vida, de acordo com Passeggi e outras (2006). Para narrar essa história uma segunda vez, escolhi a estratégia retrospectiva: vale a pena correr o risco de justificar o fim pelo desejo de valorizar o começo. Enfim, cumprindo a regra da dedicação exclusiva vigente na universidade pública, há anos me vejo na condição de restringir meu trabalho a três frentes principais: a docência em sentido estrito, de turmas de alunos e sala de aula (da qual, na verdade, nunca estive fora nos últimos 44 anos); a produção acadêmica (que me deixa sempre às voltas com a escrita de dois ou três textos simultâneos; no momento, interesse-me pelo diálogo entre Walter Benjamin, Paul Ricoeur e os professores que escrevem seus memoriais); e, por fim, a poesia como trabalho de todo dia (Marisa Monte, em O bonde do dom, dizia: “trabalho em samba e não posso reclamar”); penso em convergências, às vezes, assim como Ricoeur quando comenta a concepção de tempo em Santo Agostinho). Pois bem, voltei a viver em Niterói em 2009, saindo de Campos. Essas três frentes já existiam por lá, embora em contextos diversos. Estava vinculado à Faculdade de Filosofia de Campos, onde lectionei, coordenei e chefeiei o departamento de História, dirigi a pós graduação e, incentivado pelo contexto, fui cursar mestrado e doutorado. Não se pode subestimar a importância dessas faculdades de filosofia na história da formação docente no Brasil: lembro de um texto que escrevi na época tratando-as, paradoxalmente, como uma espécie de Universidade Local. Estive também em duas

outras frentes: uma única experiência fora da educação, mas concomitante com ela, como fiscal de rendas concursado no município, e a longa continuidade da escola (afinal, foram 35 anos de sala de aula na educação básica, dos quais 25 na escola pública): fui professor no Liceu de Humanidades e em várias escolas privadas, sobretudo em cursos pré-vestibulares. Vivemos ainda a experiência de fundar uma cooperativa de professores e criar uma escola própria, em parceria com o antigo Sistema Anglo de Ensino. Havia chegado em Campos em 1994/5, saindo de Itaperuna, procurando alternativa à militância política depois de um mandato de vereador e uma derrota para deputado, nas eleições de 90. Embora não fosse campista, vivi por lá uns bons 15 anos. Nasci em Itaperuna, e de lá sai em 1972, retornando em 1983/4, já com 3 filhos na bagagem, lá nasceu o quarto. Quando cheguei, tinha uma matrícula no Estado e logo adquiri uma segunda. Comecei na formação de professores na antiga Fafita, lecionando Antropologia e Cultura Brasileira para os cursos de Ciências Sociais e Letras. Na escola, além do Estado, onde fiz um pouco de tudo (da sala de aula à coordenação de escola; da implementação de currículos à direção de CIEP), fui também professor na Rede MV1, começando pela Geografia e depois ensinando História. Também ali mergulhei profundamente, ainda que por um breve período, na militância sindical e na política partidária. Enfim, havia chegado de volta a Itaperuna em 1983/4, saindo de Niterói: foi lá que comecei minha vida de professor, ainda aos 18 anos. Era um estudante da Engenharia, morava na Casa do Estudante Fluminense, quando o diretor da Casa, um capitão da PM reformado, conseguiu um contrato no Estado, em 1974, para ensinar Desenho e Matemática no antigo Colégio da Polícia Militar (depois CEBRIC). Lecionei ainda no Ginásio Athayde Parreiras, em Itaipu, no Colégio Batista de Niterói e em outras escolas. Quando o Desenho foi retirado do currículo, permaneci ensinando Matemática, depois Ciências e Física, até meados dos anos 80, já em Itaperuna. Em Niterói, cheguei em 1972, vindo de Itaperuna, encantado com o ambiente das repúblicas estudantis no tempo da ditadura (troquei a Engenharia pela História porque queria saber das coisas e mudar o mundo). Nessa época, estudava e escrevia poesia, cantava samba e jogava futebol. Na verdade, quando cheguei em Niterói, vindo de Itaperuna, em 1972, com 16 anos, queria mesmo era ser jogador de futebol! Meu treinador no Porto Alegre, o mecânico Tuíste, companheiro da Dona Carmozina, dizia com certeza que iria me levar para jogar no Santos. Não deu, acabei mesmo me tornando professor...

